

tribui para cada um cuidar da sua vida (cuidar direito, com vontade, com habilidade), vale a pena. Não sei se contribui. Desconfio muito de mim. De minha formação romântica, semi-religiosa, semi-tecnológica, semi-idealizada. Dos meus chavões e cacoetes. Somente o tempo e, principalmente, os leitores, poderão ir-me mostrando como valeu a pena. Ou não.” (p.182)

Marcus Bacamarte  
FAFI-BH

gem começa pelo fim e confunde o fim com o início. Os programas políticos são importantes produtos finais da qualidade social, que só poderão funcionar se a estrutura subjacente dos valores sociais estiver correta. Esses valores só estarão corretos se os valores individuais estiverem corretos. Para melhorar o mundo devemos começar pelo nosso coração, nossa cabeça e nossas mãos, e depois partir para o exterior. Os outros poderão imaginar maneiras de expandir o destino da humanidade.”

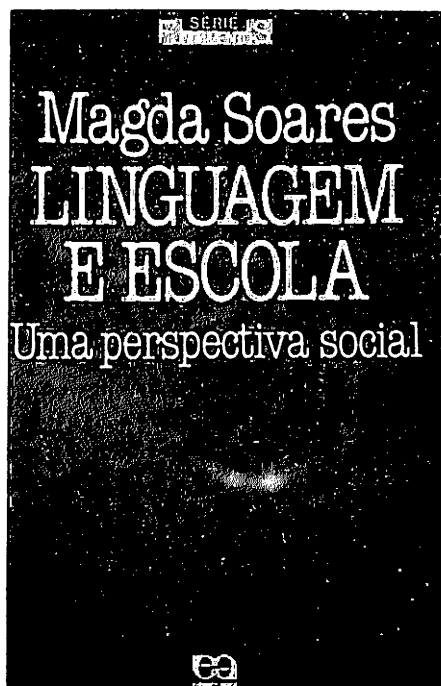
Robert M. Pirsig.

PIRSIG, Robert M. O zen e a arte de manutenção de motocicletas. Trad. de Celina Cardim Cavalcanti. 4. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1984. p. 283.

## Uma solução política

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo, Ática, 1986.

No estudo da língua e sua relação com a sociedade destacam-se dois fatores a serem analisados: a língua e o ensino. Se alguns lingüistas responsabilizam a língua pela divisão do trabalho, Magda Soares em *Linguagem e Escola*, analisando o ensino brasileiro, afirma que, “numa sociedade marcada pela divisão em grupos ou classes antagônicas, que se opõem em relações de força materiais e simbólicas, não há solução educacional para o problema do fracasso escolar; só a eliminação das discriminações e das desigualdades sociais e econômicas poderia garantir igualdade de condições de rendimento na escola”. E propõe, em termos mais amplos, uma escola transformadora, isto é, “uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econô-



micas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, atra-

vés de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social”.

Ambas as teorizações, no entanto, não aprofundam a questão de *como* e *em qual situação histórica* a instrumentalização da língua/ensino para a dominação das “camadas populares” ocorre. Enquanto certos linguistas estigmatizam a língua ao responsabilizá-la por divisões historicamente construídas na sociedade, *linguagem e escola* evidencia a parca discussão sobre os interesses e destinos da produção intelectual no Brasil.

A Língua Portuguesa, até por tradição histórica, é ensinada no País por imposição política. Desde o período colonial até os nossos dias, este ensino obedece a normas pedagógicas feitas por nossos “grandes” intelectuais. Como sempre conhecemos estruturas autoritárias de poder, a atuação desses intelectuais nunca foi questionada porque vivem num limbo criado pela crença em sua autonomia ideológica.

O ensino da língua, mesmo reconhecendo as variedades linguísticas, pressupõe ainda assim a “eficácia” da variedade culta enquanto instrumento de dominação ou para maior participação “cultural e política”. Se a língua oficial não é considerada “melhor” pelo fato de ser “cultura”, é então considerada “melhor” por ser unificada. Mas, aqui, começariam a surgir as grandes questões sobre o ensino da Língua Portuguesa no Brasil. Esta língua unifica o quê? Todos os brasileiros em sua ignorância em relação a ela? O nosso sentimento de colonizado? O nosso complexo de dependência cultural?

Essas são questões políticas que o livro de Magda não chega a abordar, mas para as

quais nos remete uma análise mais aprofundada de seu texto. Talvez resida aí, no necessário e oportuno levantamento de questões, a importância de *Linguagem e escola*. Sua validade e amplitude ultrapassam as discussões acadêmicas e atingem todos os interessados em uma sociedade mais justa, em que as oportunidades de acesso ao ensino ou à cultura sejam semelhantes.

Para isto, a autora analisa o “fracasso da escola” através da exposição de diversas ideologias, privilegiando aquela que distingue “deficiência” de “diferenças culturais”. Este ponto fundamental para a Sociolinguística é, então, desenvolvido sob a ótica de três teóricos: Bernstein, Labov e Bourdieu. No capítulo final, Magda identifica as soluções apontadas por eles e conclui pela solução política para o problema do ensino da língua.

*Linguagem e escola* tem a vantagem de mostrar que todas as alternativas “técnicas” ou “pedagógicas” sempre irão esbarrar nas suas viabilidades políticas sem, contudo, cair em um politicismo faccioso. Neste momento, em que o País busca traçar seu perfil através da Assembléia Nacional Constituinte, o livro adquire fundamental importância entre as publicações mais recentes sobre o assunto. Dada a profundidade e clareza com que as idéias são expostas, é excelente ponto de partida para o debate intelectual sobre a língua e o ensino.

*Antonio Eduardo Andrade de Castro*  
Jornalista/estudante da FALE/UFMG